

A VOZ DO RESSUSCITADO: MÚSICA E ESPIRITUALIDADE NA COMUNIDADE CATÓLICA SHALOM

Walerie Gondim¹

Resumo: O presente estudo se propõe a analisar a relação entre música e espiritualidade no âmbito da Comunidade Católica Carismática Shalom. Tal iniciativa tem como objetivo investigar como o elemento musical compõe parte da identidade desta Comunidade, por meio da análise de determinados atributos históricos, estéticos e sociais. O trabalho se contextualiza a partir do Concílio Vaticano II, episódio emblemático do catolicismo no século XX, no qual são construídas novas relações entre a Igreja e o leigo, bem como novos modos de expressar e viver a fé. Nascida desse movimento histórico, a Renovação Carismática Católica (RCC) inaugurou uma nova gramática de culto e práticas de adoração, valendo-se de estilos musicais contemporâneos para impulsionar sua proposta espiritual. Partem desse ambiente a Comunidade Católica Shalom e suas formas de expressão musical, que foram investigadas neste artigo através de pesquisa de campo, que inclui entrevistas e observação participante, além de literatura sobre o tema em questão. Esse estudo avalia, enfim, a importância da música para a constituição de uma expressão de louvor e de vida propostos por e para aquela congregação de leigos.

Palavras-chave: Igreja Católica, Espiritualidade, Música, Renovação Carismática Católica, Comunidade Católica Carismática Shalom

A música assumiu diferentes funções e formatos no decorrer da história do cristianismo, atuando como baluarte de muitas das mudanças adotadas e vividas pela Igreja Católica em seus mais de dois mil anos de existência. Ao final do século XX, frente a inúmeras e inevitáveis mudanças na sociedade que se encontravam em curso

¹ Graduanda em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: waleriegondim@id.uff.br

naquele momento, a instituição romana se viu compelida a atualizar certas práticas para garantir sua longevidade e manutenção de fieis. Foi no Concílio Vaticano II, reunião de bispos do mundo inteiro, realizado em Roma, na década de 1960, que a Igreja alterou mecanismos internos e na sua relação com a sociedade e outras religiões: a maior e mais transformadora reunião do catolicismo no período atual, cujos efeitos podem ser sentidos até hoje.

Dentre as diversas alterações proporcionadas pelo Vaticano II, é na relação estabelecida pela Igreja com os leigos que talvez os resultados da reunião se façam sentir com maior intensidade. As consequências daí desdobradas ganham maior destaque por nós, especialmente, num determinado contexto: a formação de agrupamentos religiosos, liderados e compostos por leigos em sua esmagadora maioria, com o objetivo de viabilizar seu engajamento prático na promoção do Evangelho e no exercício do serviço à Igreja.

É neste cenário que nasce a Renovação Carismática Católica (RCC), um movimento criado por leigos, cuja espiritualidade está enraizada na experiência de *batismo no Espírito Santo*. Tal proposta representou o resgate da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade² para a realidade católica, proporcionando para este ambiente uma renovação espiritual, a partir da recuperação da manifestação dos dons e carismas concedidos por Deus a seus fieis.

Os principais aspectos dessa proposta espiritual passam pela construção de um relacionamento pessoal com Deus em que se destacam experiências emotivas e intensas. São próprias dessa experiência as orações fervorosas – que colocam o indivíduo em lugar central nessa relação –, a glossolalia, o repouso no Espírito Santo, a manifestação de curas, milagres, profecias etc. Dentre tantas características, desponta especialmente o louvor como um componente constituinte da experiência carismática, que é marcado pela ampla utilização do elemento musical.

Tal componente – uma herança assimilada do pentecostalismo protestante, que influenciou a formação da própria RCC – demandou e proporcionou a criação de novas formas de produção e consumo da música, que correspondessem à prática carismática de fé. Nesta inflexão, despontam artistas e bandas que passam a assimilar aspectos da

² Santíssima Trindade, composta ainda por Pai (Deus) e Filho (Jesus Cristo) e cuja união forma um só Deus. A manifestação do Espírito Santo havia sido anunciada por Jesus, antes mesmo de sua morte: desceria sobre seus discípulos o *Paráclito*, o Consolador; Aquele que, após sua ressurreição, os faria entender e os lembraria de todas as coisas e que os acompanharia até sua segunda vinda

indústria musical secular, respondendo à sua lógica de produção e circulação de mercadorias, porém, estabelecendo dinâmicas próprias à realidade religiosa. Tais produções partilham de características comuns que, em seu fim, encontram ecos na espiritualidade da RCC – esta, que por sua vez, passou a se utilizar em larga escala deste novo repertório musical em suas reuniões de grupos de oração e afins.

A Renovação Carismática Católica e sua assimilação da lógica de certa produção musical, entretanto, não se restringe a si própria. Sua expansão possibilitou a formação de outros novos ajuntamentos religiosos que encontram nos princípios carismáticos de espiritualidade, propulsores para sua atuação e fortalecimento. É o caso de nosso caso estudado: a Comunidade Católica Shalom, uma comunidade construída no âmbito da RCC que encontra nas artes e, particularmente na música, uma poderosa ferramenta de evangelização e afirmação de sua identidade.

A fim de cercar nosso objeto, nos valem de literatura sobre as Novas Comunidades (CARRANZA, MARIZ & CAMURÇA, org., 2009), de coleta de material virtual, disponível no website da Comunidade Shalom, e de trabalho de campo na Missão do Rio de Janeiro da mesma. Frequentamos cerca de 10 atividades/ambientes da Comunidade, entre os anos de 2015 e 2016, nos bairros do Maracanã, São Cristóvão, Lapa, Catete, Botafogo e Largo do Machado. Dividimos nossa atenção entre os ambientes majoritariamente ou exclusivamente frequentados por membros já integrantes da Comunidade, e entre aqueles pensados e estruturados para a projeção da Comunidade ao meio externo.

Tal diferenciação nos importa à medida que, durante este trabalho de campo, identificamos papéis distintos – embora complementares – atribuídos à música pela Comunidade Shalom. Nossa tentativa, portanto, de compreender como o aspecto musical se apresenta nesses espaços, só foi possível ao lançar um olhar sobre a relação com a música estabelecida entre aqueles que já fazem parte desta Comunidade, em seus diferentes meios de congregação – a partir de um entendimento de que estes dispõem de repertório e olhar condicionados. Sua leitura incide, inclusive, sobre aqueles não integrantes que, através das artes e da música, estabelecem contato com a Comunidade.

Para cercar nosso objeto, além da leitura realizada, lançamos mão do trabalho de campo, principalmente da *observação participante*, na perspectiva de Roberto Cardoso de Oliveira (1996). Segundo Oliveira, tal prática implica ao pesquisador tornar sua presença natural, ou ao menos aceitável no meio do grupo estudado. Este caminho é

marcado por um processo de interação fluida entre pesquisador e pesquisado, através do qual se estabelece um verdadeiro diálogo, transformando-se os agentes em interlocutores.

Para alcançar este fim, num primeiro momento do nosso trabalho de campo nos dividimos entre a análise presencial nos espaços da Comunidade Shalom acima citados e a realização de cerca de 4 entrevistas semi-estruturadas, presenciais, entendendo que ambas as abordagens são complementares. Nas entrevistas procuramos captar o olhar estabelecido por seus próprios membros acerca de sua percepção sobre o funcionamento da Comunidade em si e, enfim, sobre o papel da música nela operado – o “modelo nativo”, sob a perspectiva antropológica apontada por Oliveira. (OLIVEIRA, 1996, p. 22)

Por outro lado, conforme comenta Rodrigues, a partir de Foucault, “torna-se necessário lembrar que a análise do enunciado compreende que nem tudo é sempre dito e que os enunciados estão sempre em déficit” (FOUCAULT *apud* RODRIGUES, 2010, p. 73). Por isso, se nas entrevistas os entrevistados escolhem o que querem dizer, excluindo o que não se quer, ou se pode proferir, foi principalmente através da observação que tentamos identificar um sentido atribuído à música para além daqueles que os agentes da Comunidade lhe conferem.

A seguir, oferecemos um determinado olhar, a partir de uma breve contextualização sobre a Comunidade Shalom, sobre como a música se desenvolve neste ambiente específico.

O Shalom³ e as Novas Comunidades

No ano de 1980, quando da visita do Papa João Paulo II ao Brasil, durante o 10º Congresso Nacional Eucarístico, um jovem foi convidado pelo então arcebispo da Arquidiocese de Fortaleza (CE), Cardeal Lorscheider para, representando todos os jovens cearenses, entregar um presente ao pontífice durante a procissão de ofertório da missa celebrada no estádio Castelão. O escolhido chamava-se Moysés Azevedo: jovem de 23 anos que, ao questionar que presente deveria entregar para João Paulo II, recebeu carta branca do arcebispo para decidir o que lhe conviesse. Foi então que Moysés

³ Segundo a Comunidade, Jesus é O Shalom do Pai, por isso, nos referiremos a ela pelo vocativo masculino “o”, quando dissociada da palavra “Comunidade” - conforme orientação de seus membros.

ofertou ao papa, através de uma simples carta, sua própria vida e juventude, em favor do jovens, dos homens e mulheres que estavam afastados de Cristo e da Igreja.⁴

Assim começa a história da Comunidade Católica Shalom. A oferta de vida do jovem Moysés, que de acordo com ele, só aconteceu após muita oração e reflexão, se tornou clara e concreta somente mais tarde, quando, exatos dois anos após o encontro com o papa, Moysés inauguraria uma lanchonete e livraria chamada “Shalom” que, do hebraico, significa, literalmente, “paz”. Seu objetivo era evangelizar e atrair jovens para a Igreja Católica; portanto, a lanchonete seria apenas um “pretexto divino” para o trabalho de evangelização: “Bem, o jovem que não vai à igreja, que não vai à missa, ele come um sanduíche, ele come uma pizza. Porque não fazer uma pizzeria para evangelizar?”⁵

A inspiração de Azevedo partiu do seu desejo de “dar de graça aquilo de graça recebera”.⁶ Tal doação refere-se à sua experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo que mudara sua vida para melhor e que, segundo seu próprio relato, acontecera em dois momentos emblemáticos: num encontro de final de semana do qual havia participado, aos 16 anos, e em seguida, aos 18 anos de idade, quando relata ter tido uma “experiência de efusão”, num Seminário de Vida no Espírito Santo da Renovação Carismática de Fortaleza.⁷

Gerada a partir da Renovação Carismática, a Comunidade Católica Shalom se enquadra no espectro do que se passou a chamar no catolicismo de *Novas Comunidades* (NC): formações eclesiais reconhecidas e qualificadas pela Igreja Católica como uma “nova forma de vida evangélica” (CNBB, 2007). As Novas Comunidades surgem como ajuntamento de fiéis, por iniciativa própria dos leigos ou, em alguns casos, por iniciativa de algum sacerdote dirigida aos leigos, de forma bastante semelhante aos chamados movimentos (como a RCC).

Os membros destas comunidades se comprometem à causa do Evangelho através da filiação e/ou consagração de sua vida e religiosidade a partir de um *carisma*. O carisma, nesse contexto, significa “uma missão ou vocação da comunidade, sua essência, seu fim” (NICOLAU, 2006, p. 38). O carisma da comunidade, portanto, é aquilo que lhe garante certa originalidade, o que justifica sua criação e através do que os

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nVWwX1Nrbx8>. Acesso em 15/07/2016.

⁵ Ibidem.

⁶ Disponível em: <http://www.comshalom.org/entrevista-com-moyses-azevedo/>. Acesso em 20/07/2016.

⁷ Ibidem.

membros vivenciam sua vocação – o chamado de Deus para a vida humana. O carisma é a *identidade* da comunidade.

A Comunidade Shalom, que está presente em 20 países, em 22 estados brasileiros⁸ e que, em 2007 recebeu reconhecimento pontifício – a primeira comunidade brasileira com tal chancela – possui três aspectos basilares de seu carisma para a vivência da vocação: Contemplação, Unidade e Evangelização.⁹

A partir do primeiro ponto (contemplação), o segundo ponto, o desejo da vivência segundo os moldes das primeiras comunidades cristãs, está refletido nas Comunidades de Vida e Aliança que, de maneiras diferentes, congregam seus membros para partilhar a vida em formatos de comunhão específicos.¹⁰ Porém, talvez seja através do último, a evangelização, que a Comunidade sintetize o objetivo fim de sua missão, alcançando maior projeção. O Shalom concentra no jovem o foco de sua ação evangelizadora: aquele a ser resgatado para Cristo e para a Igreja. Para tanto, a Comunidade lança mão de diversas estratégias que dialoguem com a juventude – segmento etário preferencial de Azevedo, seu fundador – dentre as quais, a música desponta com relevância.

“Ide e anunciai o Evangelho a Toda Criatura”¹¹: a música na evangelização Shalom

Dentre as estratégias mais presentes e constantemente utilizadas pela Comunidade para a evangelização de forma “eficaz, ousada e criativa”, está a arte e,

⁸ Disponível em: <http://www.comshalom.org/nossahistoria/>. Acesso em 10/12/2016.

⁹ Da Contemplação do Ressuscitado, que sopra sobre os discípulos, brota a força da Evangelização. Assim inspirada, a Comunidade empreende esforços para anunciar o mesmo e único Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo com *eficácia, ousadia e criatividade*. Para viver a Vocação é necessário, ainda, mergulhar no espírito da caridade segundo os moldes das primeiras comunidades cristãs, refletindo a Unidade da comunhão amorosa do Pai, do Filho e do Espírito Santo.” (*grifo nosso*). Disponível em: <http://www.comshalom.org/ser-shalom/>. Acesso em 30/10/2016.

¹⁰ As formas de participação na Comunidade Shalom podem se dar da seguinte maneira: 1) através da Comunidade de Vida, que procura se aproximar das primeiras comunidades cristãs, onde os membros vivem juntos em casas comutárias, compartilhando tudo e renunciando à posse de bens, projetos e planos pessoais, em favor do exclusivo serviço à Igreja e à Comunidade; 2) na Comunidade de Aliança, onde os membros são chamados a viver a Vocação em meio às atividades seculares: trabalho, estudos, vivência familiar; e 3) pela Obra, onde não há uma consagração à Comunidade, como nos dois primeiros casos, mas há uma filiação à Comunidade, vivenciando sua espiritualidade e práticas comunitárias. Para qualquer dos 3 formatos de vivência comunitária, os membros podem possuir os seguintes estados de vida: celibatários pelo Reino do Céus; casados e solteiros; sacerdotes, diáconos ou seminaristas. Disponível em: <http://www.comshalom.org/ser-shalom/>. Acesso em 30/10/2016.

¹¹ Passagem bíblica: Marcos 16, 15.

nela, se destaca a música. A sua atividade de maior visibilidade promovida para este fim se chama *Festival Halleluya*, um evento de artes integradas de grande porte, que teve sua origem também em Fortaleza, e que o Shalom realiza desde 1997.

Idealizado pela Comunidade para fazer frente ao Fortal, carnaval “fora de época” de Fortaleza, o Halleluya nasce como uma alternativa de “diversão sadia” para a juventude durante o período de realização do evento secular. A última edição do Festival, realizada em julho de 2016, contabilizou mais de 1 milhão de espectadores nos 5 dias de Festival, contando com a apresentação de mais de 23 bandas e artistas da música católica em mais de 23 horas de shows musicais. Em seus 20 anos de realização, o Halleluya passou a ser um evento de referência do tipo no meio católico, tornando-se palco privilegiado para a apresentação de artistas renomados deste universo religioso.

Ainda que significativamente mais modesto em termos de alcance de público e estrutura, se comparado ao evento em seu local de origem, o Halleluya acontece no Rio de Janeiro desde 2011 e já soma 5 edições, também reunindo bandas e artistas da música católica e contando com outras atrações artísticas, como peças de teatro, apresentações de dança e *djs*. As duas primeiras edições cariocas foram realizadas na Quinta da Boa Vista, parque municipal localizado no bairro de São Cristóvão, e suas duas últimas edições, nos Arcos da Lapa, no bairro da Lapa, centro da cidade.

A música, principal foco do Halleluyah, conforme nos apontaram os membros da Comunidade com quem conversamos, atuaria nesse contexto como uma “isca” para atrair as pessoas, especialmente os jovens transeuntes, à graça divina. Neste sentido, é possível observar no Halleluya algumas características que são comuns a eventos seculares, e que poderiam nos indicar pistas de como o Festival seria atrativo aos não religiosos – especialmente aos jovens.

O Festival Halleluya, em sua origem, se utiliza de infraestrutura e corpo técnico profissionais, semelhante a de eventos seculares, para apresentar os artistas mais conhecidos no meio da produção musical católica. Além disso, sua realização vai além de uma ação de cunho exclusivamente religioso. O evento também investe em outras atividades paralelas, de perfil cultural, social e de entretenimento, especialmente atrativas à juventude.¹² No caso do Rio de Janeiro, embora menor e apesar de ter sofrido

¹² como: pista de skate, patins e bicicleta, parede de escaladas; espaços culturais para festivais de música, dança, teatro e realização de exposições fotográficas; espaço dedicado às crianças, que são acompanhadas por monitores; e espaço onde são realizadas doações de sangue e coleta de alimentos não perecíveis, dentre outros.

severos cortes de gastos em relação à edição anterior – conforme nos indicaram os membros – o Halleluya segue a mesma proposta conceitual adotada em sua origem. Sua edição de 2016, na qual comparecemos, contou com 10 shows, divididos nos três dias de realização, de artistas como a banda Rosa de Saron, Colo de Deus, Frutos de Medjugore, Adorasamba, Missionário Shalom, a cantora Suely Façanha, Ana Gabriela e Davidson Silva – dentre outros importantes nomes da cena musical católica. Tais artistas dispõem de estilos musicais específicos, transitando entre o *rock*, o *pop rock*, o samba, a música eletrônica etc. Muitos deles já se apresentaram recorrentemente em edições anteriores do Halleluyah Rio¹³, além de se apresentarem em outras cidades que também realizam o evento.

O quadro de artistas que compuseram o Halleluya Rio 2016 nos sugere que a organização do evento, embora pareça levar em consideração sua variedade de estilos e ritmos, opta por uma seleção que é mediada pela identificação de um ponto em comum entre eles: sua inserção consolidada no mercado fonográfico religioso. Tal incorporação significa a assimilação da lógica da produção musical secular, que passa pela gravação, circulação de mercadorias, através da venda de produtos (*cds*, *dvds*, camisetas etc) e publicidade (FERREIRA, 2013). Esta aproximação significa, ainda, uma apropriação dos aspectos estético-musicais do universo da música popular, especialmente de seus atributos melódicos – tendo em vista que a principal diferença entre a produção musical dos dois contextos diz respeito ao conteúdo das canções.

Não nos interessa, neste momento, nos aprofundar nas razões econômicas ou mercadológicas que circundam a produção do Festival Halleluya como um evento religioso – tarefa cumprida com êxito por outros estudos, como o de Selene Ferreira (FERREIRA, 2013) –, mas sim, na apropriação dos aspectos da produção musical secular que, ressignificados para o universo do catolicismo, podem auxiliar na evangelização.

Nessa linha, em nosso campo, identificamos que esses elementos, enquanto estimuladores de uma experiência de *entretenimento*, despertavam um interesse momentâneo naqueles que por ali passavam. A atração provocada, entretanto, era quase sempre fugaz, já que muitas das pessoas que circulavam, estando ali por outros motivos, não se detinham no local.

¹³ A banda Rosa de Saron se apresentou tanto no primeiro dia da edição de 2014, quanto no primeiro dia da edição de 2016, às quais comparecemos.

Pudemos observar, contudo, que os membros da Comunidade se valiam desse momento para realizar abordagens pessoais aos transeuntes. Embora não seja possível saber ou mensurar o número de pessoas que possam ter sido diretamente evangelizadas através da música, ou mesmo após a abordagem dos membros da Comunidade, pudemos ouvir de alguns de nossos interlocutores sobre episódios vividos por eles, em que alguns dos interpelados sentiram-se tocados – ou pela oração, ou pela música – e, após um convite, frequentaram o Shalom.

Tal resultado justificaria, enfim, o objetivo final da realização do Festival Halleluya: a viabilização, por meio da manifestação artística, do anúncio da Palavra de Deus. Este objetivo pode ser identificado no slogan do Festival: “Halleluya – a festa que nunca acaba”.

A continuidade desta euforia proposta pelo Halleluya – especialmente incentivada através da música – refere-se à experiência do amor de Deus que, de acordo com seus membros, é ininterruptamente cultivada pela e na Comunidade. Prolongar a vivência destas propostas implica, entretanto, no engajamento à Comunidade, que pode se iniciar de várias maneiras.

“A festa que nunca acaba”: a música na identidade Shalom

Se por um lado o Shalom busca se utilizar da música de forma instrumental para, aliada a outras manifestações artísticas, viabilizar uma evangelização eficiente, os membros do corpo comunitário parecem desenvolver com ela uma relação um pouco diferente. O elemento musical integra a espiritualidade da Comunidade de tal forma que a ela é inerente – percepção que se explicita tanto em seu discurso, como na prática de sua vivência de fé.

A música, no processo de evangelização, cumpre com a função de atrair as pessoas para a realidade e densidade do anúncio no qual a Comunidade está mais interessada: o amor de Deus à humanidade. Tal aprofundamento, não raro, leva à aproximação da Comunidade e à sua filiação.

M. V. Correa, jovem de 18 anos que entrevistamos no Halleluya, integrante da Obra da cidade de Maricá do Shalom desde 2016, que participava pela terceira vez do Festival no Rio de Janeiro, compartilhou conosco algumas de suas experiências que o levaram à adesão na Comunidade. De acordo com Correa, levou um tempo até que ele

assimilasse a proposta do Festival sobre ser uma festa sem fim. Quando questionado sobre quando e porquê houve esse entendimento, M. V. disse que isto só foi possível

“A partir dos momentos em que eu comecei a participar dos grupos de oração. Porque, aí eu via que o que foi tratado aqui no Halleluya, era tratado nos grupos de oração até o próximo Halleluya. Aí, eu via que aquela alegria que nós procurávamos aqui era realmente uma alegria que não passava. Diferentemente de quando eu saía e ia pra festa, saía pegando todo mundo e aquilo acabava no final, sabe? Tipo, saía sexta-feira, quando voltava no sábado, nossa: acabou minha alegria.” (CORREA, 2016)

A experiência de regozijo descrita por Correa revela alguns aspectos que são característicos e compartilhados entre os membros da Comunidade Shalom. Um deles, por exemplo, reside no fato de que, para alcançar essa alegria ininterrupta, é necessário cultivar uma espécie de ascese espiritual, que implica num abandono da vida “mundana” e adoção de um processo de uma santificação pessoal (ascetismo intramundano). Tal processo passa pela renúncia a certas práticas, como a ingestão demasiada de bebidas alcóolicas, o relacionamento e a atividade sexual esporádicos, por exemplo. Com Carranza, é interessante perceber, entretanto, que existe certa dualidade no desdobramento da prática de fé da Comunidade, que está tensionada entre o exercício de uma subjetividade contemporânea e sua negação:

Por um lado, esses grupos [as Novas Comunidades] rompem com elementos centrais dessa subjetividade quando defendem a restrição da vida sexual e quando confrontam o consumismo e o individualismo como uma resposta dialeticamente produzida. Por outro lado, estão próximos do mundo contemporâneo ao assumirem uma diversidade estética na forma de se vestirem, valorizando símbolos de tradições antigas, reinventando-os, e também quando adotam a emoção (em geral a alegria) para validar a verdade religiosa e espiritual. (CARRANZA, 2009, p. 150, comentário nosso)

Essas características apontadas por Carranza não são exclusivas da Comunidade Shalom. Pelo contrário, algumas delas são compartilhadas entre as diversas comunidades católicas existentes que, por sua vez, se ancoram nas especificidades da espiritualidade carismática para se significarem. Porém, talvez seja da alegria, como

emoção privilegiada, que a Comunidade Shalom se aproprie com avidez para afirmar uma identidade própria – aliado à vivência do carisma e do amor esponsal – que a diferencia tanto de outras Comunidades católicas, quanto, e particularmente, distingue seus membros das pessoas que estão fora dela, no “mundo”.

A fim de entender melhor como se desdobram essas experiências, nos concentramos em alguns espaços que são frequentados apenas por membros da Comunidade, ou com ela familiarizados. Isto porque acreditamos que é só através dos espaços de comunhão da Comunidade que conseguimos absorver informações mais consolidadas sobre a ação da música nesses contextos e entre seus membros.

Uma das reuniões da Comunidade a que compareceremos neste trabalho de campo, foi da Célula Mãe da Ternura, no Centro de Evangelização Maracanã do Shalom, no dia 21 de outubro de 2016. À ocasião, presenciamos uma partilha, após uma leitura bíblica, do membro da Comunidade de Aliança A. Cruz, a esse respeito:

“Quando eu lia essa palavra, o Senhor me recordava de Bento VI, quando no reconhecimento pontifício, nos reconhecia pelo entusiasmo que temos. A natureza do nosso Carisma é ser entusiasmado. E nós, pelas nossas feridas, acabamos deixando apagar esse fogo, fogo do Carisma, fogo da santidade. Nos concentramos nos nossos controles e não permitimos que o Senhor nos alegrasse. Quando nos abrimos a essa graça do Carisma, o Senhor restituía a nós a pertença a essa família. O Senhor nos dá a graça de nos alegrarmos simplesmente por estarmos juntos. Por isso, o Senhor vai reparando brechas dentro de nós, abrindo espaço para o novo, nos refazendo de novo. Nos trazendo de volta à nossa vivência vocacional, nos trazendo de volta à vivência do Carisma, nos confirmando a alegria de (*sic*) sermos felizes por sermos Shalom. Simplesmente por sermos Shalom. Independente de como estiver as nossas vidas, mas sermos felizes pela vocação que o Senhor nos dá. É própria dela a alegria.” (CRUZ, 2016)

Segundo comenta Cruz, e conforme resgatamos da fala de Correa, tal alegria, tão característica do carisma Shalom, só existe se partilhada e alimentada entre os membros na vivência comunitária e se em oposição àquela encontrada no mundo exterior. Dentre os diversos caminhos possíveis para tanto, a música parece se evidenciar como uma mediadora de especial importância na vivência dessa expressão.

Durante a reunião, enquanto os membros batiam palmas, sorriam, fechavam os olhos, movimentavam o corpo e levantavam os braços, os presentes cantavam a música “Tudo que Tenho e Sou”, do grupo Missionário Shalom. Conforme a ministração de Belizario, repetia-se por várias vezes novamente o refrão da música: “Tudo que tenho/ tudo que sou/ tudo que tenho e sou é Teu”, enquanto ela lembrava aos membros o “tudo” que poderia se apresentado a Jesus: o trabalho, a família, as pessoas amadas etc.

Comportamentos bastante semelhantes – tanto do corpo comunitário, quanto daqueles que ministram – puderam ser observados em outros espaços da Comunidade aos quais comparecemos. Especialmente nas 6 missas promovidas pela Comunidade de que participamos durante este trabalho de campo, a repetição de determinadas ações ficou ainda mais evidente. Isto porque, a missa, por se tratar de um ritual oficial da Igreja Católica que, portanto, tem sua estrutura ordinária (aquela que não se altera) repetida, convoca os membros do ministério de música para uma repetição também de alguns cantos – que neste caso devem ser escolhidos em vista de seu aspecto litúrgico – e, eventualmente, das conduções de oração nela realizadas.

Os comportamentos dos membros se replicam em diferentes contextos vivenciados pela Comunidade, particularmente quando impulsionados pela música. Apesar de haver uma premissa da espontaneidade, que está alinhada aos fundamentos da espiritualidade carismática, seus membros partem de um comportamento comum, um repertório reproduzido por aqueles que já conhecem, pela prática, o modo de ser Shalom. Isso gera uma *performance* bastante característica da Comunidade, que se revela com mais clareza durante a execução musical: bater palmas, levantar os braços, cantar de olhos fechados, dentre outros.

Tais repetições corporais e comportamentais, entretanto, que parecem objetivar a um sentimento comum, não são produto de um acaso. Pelo contrário, elas são incentivadas por seus próprios fundadores, que enfatizam o ato de *louvar* como parte fundamental da oração comunitária e da espiritualidade Shalom. É o que afirma Emmir Nogueira, co-fundadora da Comunidade, em seu livro “Louvor Brasa-Vida”:

Como uma Comunidade carismática de *louvor*, este marcará de maneira especial o tom da nossa oração, assim como a abertura à ação e unção do Espírito por meio do livre uso dos seus carismas. (NOGUEIRA, 2005, p. 63, grifo nosso)

Ao fazer referência aos Escritos, texto inicial que deu origem ao Estatutos atuais da Comunidade, elaborados por seu fundador Moysés Azevedo, Nogueira destaca que Azevedo sempre foi veemente ao recordar sobre a importância da beleza e da harmonia como *sustento* e *incentivo* a este fervoroso louvor. Conforme Emmir Nogueira, seria impossível falar do louvor na vocação Shalom sem mencionar “a boa, bela e harmônica música como sustentadora e incentivadora deste dom” (NOGUEIRA, 2005, p. 64).

O louvor, na forma abordada por Nogueira, compreenderia algo mais abrangente que apenas o aspecto musical: toda a vida é instrumento de louvor e, nela, a música opera como meio privilegiado para o exercício de louvar. Ao atribuir, portanto, a responsabilidade pelo cultivo deste exercício musical aos membros cujo dom para a música seja manifesto, a autora nos indica a importância dada pela Comunidade à escolha apropriada das canções e à qualidade técnica e artística daqueles que a executam.

Nesse sentido, as canções amplamente executadas nos grupos e encontros da Comunidade, conduzem a e favorecerem esta experiência. As que mais se fizeram presentes durante este campo – seja através dos discursos dos membros sobre suas preferências, seja nas execuções ao vivo dos encontros e reuniões – são de artistas, bandas ou projetos da própria Comunidade, nos quais aparecem com frequência o grupo Missionário Shalom, os cantores Davidson Silva e Ana Gabriela, e o trabalho de músicas litúrgicas e para grupos de oração gravadas pela Comunidade.¹⁴

Tais artistas ou projetos compartilham, em maior ou menor grau, de características semelhantes no que diz respeito às suas soluções estético-musicais. Melodicamente, todos transitam, quase que unanimemente, entre a balada romântica (nas canções que sugerem uma interiorização), o *rock*, o *pop* e o *pop rock* (nas canções de celebração), e suas variações. Mas é especialmente nas letras que os artistas dividem um fio condutor comum, ao abordarem em seu repertório sentimentos, situações, desejos, orações que são comuns ao imaginário católico e, principalmente, à vivência comunitária da Comunidade Shalom.

¹⁴ A Comunidade realiza um trabalho interno de produção musical que não está vinculado a nenhum dos artistas mencionados - cada um com carreiras e produções próprias. São 3 cds de músicas litúrgicas (Na Dança da Vida, 2000, Ressucitou, 2008 e Um Só Corpo, 2012), 2 cds de salmos (Salmos para celebrar, 2000 e Salmos para celebrar, Vol.2, 2006), 2 cds natalinos (É Natal, 1999 e Príncipe da Paz, 2012); 1 cd com músicas para adoração (Adorar-Te, 2002), 1 cd para as crianças (Aos Pequenos, 2010), 1 cd com músicas para grupos de oração (Cantai a Deus com Alegria!, 2014), 2 cds em língua francesa (Nous voulons te voir, 2005 e Le ciel est mon pays, 2007) e, por fim, 2 cds dedicados a Maria (Porque Amo Maria, 2014 e Porque Amo Maria, Vol.2, 2014).

Ainda que modestamente, esta análise está ancorada na abordagem de musicólogos como Trotta (2008), Tagg (2003) e Tatit (2002) que, através da discussão sobre gênero musical, sonoridades e canção popular, nos auxiliam no entendimento da música como produtora de sentido ela própria. Nos detemos, por hora, em destacar a ideia sugerida por Tagg de que a análise da música popular envolve aspectos que transcendem apenas as noções da técnica musical: ela compreende “aspectos linguísticos, econômicos, históricos, técnicos, rituais, gestuais, visuais, psicológicos e sociais relevantes para o gênero, função, estilo, situação de (re)performance e atitude de escuta conectado com o evento sonoro sendo estudado.” (TAGG, 2003, p. 11)

As possibilidades de análise e interseção destes dois campos, música e catolicismo, são inesgotáveis. Nesta pesquisa, apenas procuramos oferecer um recorte específico sobre como o objeto musical se desdobra dentro de um grupo religioso que dispõe de tantas particularidades e peculiaridades.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 100-115, 2005

CARRANZA, Brenda. Renovação carismática católica: origens, mudanças e tendências. Aparecida: Santuário, 2000.

_____; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno. 2ª ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Introdução Geral ao Missal Romano e Introdução ao Lecionário. 6ª edição. Brasília: Edições CNBB, 2008.

DUARTE, F. L. S. Reinterpretando o Concílio Vaticano II: Impactos da Hermenêutica da Continuidade na música litúrgica católica do presente. *Revista Música Hodie*, Goiânia, V.13 - n.2, 2013, p. 52-66.

FERREIRA, Selene. Das Igrejas para os Palcos: o mercado da música católica - apropriações e ressignificações. Niterói, 2013. 152 fls. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013

FILHO, Moysés Louro de Azevedo. Escritos - Comunidade Católica Shalom. 6ª edição. Aquiraz, 2012.

MENDONÇA, Joêzer. Música e Religião na Era do Pop. Curitiba: Appris, 2014.

NOGUEIRA, Maria Emmir Oquendo. Louvor Brasa-Vida. Aquiraz: Shalom, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia. São Paulo: USP. Vol. 39, nº 1, 1996.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Elementos socio-históricos da Renovação Carismática Católica. *Estudos de Religião*, v. 23, n. 37, jul./dez. São Paulo, 2009

TAGG, Philip. Analisando a música popular: teoria, método e prática. Tradução: Marta Ulhôa. Rio de Janeiro: Revista em Pauta, 2003.

VELHO, Gilberto. 'Observando o familiar'. cap. 9. In Individualismo e Cultura. RJ: Jorge Zahar. 1987

Entrevista:

CORREA, M. V. Entrevista concedida para este trabalho de conclusão de curso em 28 de outubro de 2016.

Outras citações:

MONTEIRO, R. Anotações de fala na pesquisa de campo do dia 24 de outubro de 2016.

CRUZ, A. Anotações de fala na pesquisa de campo do dia 21 de outubro de 2016.

BELIZARIO, M. P. Anotações de fala na pesquisa de campo do dia 21 de outubro de 2016.